

Murundu: um novo conceito de prática conservacionista

Alvaro Afonso Simon

A microbacia é tida hoje como a unidade de planejamento ideal, quando se trata de planejamento e utilização dos recursos naturais. Entretanto, os resultados efetivos na contenção da erosão em microbacias aconteceram somente após o surgimento de uma prática conservacionista que, por apresentar características fora dos padrões convencionados pela ciência, demorou a ser aceita pelo corpo técnico-científico, embora seus resultados conquistassem de imediato os agricultores.

Uma análise abreviada permite afirmar que o murundu se encaixou perfeitamente enquanto prática conservacionista em microbacias. Reforçou a filosofia dos trabalhos de extensão rural em microbacias hidrográficas, exigindo uma mudança comportamental dos agricultores e técnicos através de ações conjuntas, gerando novas expectativas e interesses, rompendo o isolamento social e produtivo, característico da agricultura capitalista.

O murundu, segundo declarações pessoais de Adolar F. Adur em entrevista realizada em 1991, foi resultado da ação dos próprios agricultores, quando experimentado pela primeira vez em 1979, no município de Nova Santa Rosa na comunidade de Planalto. Como prática conservacionista, o murundu estabeleceu uma nova relação sociedade-natureza valorizando o saber popular dos agricultores e exigindo a interação de

conhecimentos e a integração de instituições, nos esforços que objetivavam a solução de problemas comuns.

Basicamente o murundu consiste no deslocamento de uma grande quantidade de terra com a finalidade de construir um terraço em nível, para represar a água proveniente da chuva: isso o faz parecer uma pequena barragem. Devido às suas dimensões, também é denominado de "terraço reforçado de absorção". Entretanto a grande quantidade de terra necessária para sua construção requer posteriormente uma recuperação do terreno (área de empréstimo), através de calagem, descompactação, adubação, etc.

Em algumas regiões, visto do alto, o murundu se parece com um imenso cordão vermelho, que segue em nível por entre o verde-escuro das plantações, modificando as paisagens degradadas, redefinindo as microbacias conservadas que por sua vez se unem umas às outras perdendo-se no horizonte (Figura 1).

O murundu, além de ter-se mostrado eficiente contra a erosão, revolucionou de certo modo o conceito de propriedade que os agricultores tinham até então. Sua característica de não respeitar as divisas entre uma propriedade e outra, nem cercas ou estradas, obedecendo somente as conformações das paisagens, percorrendo por vezes uma ou mais microbacias, até mesmo municípios, induziu a uma mudança comportamental em relação à utilização dos recursos naturais, em especial o solo.

Principalmente os pesquisadores do setor agropecuário e os adeptos do plantio direto têm certa dificuldade em aceitar o murundu como uma prática conservacionista a ser orientada ao agricultor. Tendo-o como uma heresia científica, criticam contundentemente dois aspectos deste: a viabilidade econômica e a eficiência na contenção das enxurradas. A ciência recolhida aos campos experimentais tem dificuldades em observar todos os fatores que levaram os agricultores a aceitar tão rapidamente uma prática tão cara, e com dimensões exageradas, considerando-se a sua finalidade.

De qualquer forma, fica difícil verificar, sob o enfoque essencialmente técnico, que uma prática conservacionista, com características integradoras, pudesse transformar várias propriedades em uma só, sem que estas perdessem sua individualidade administrativa. Percebe-

se, então, que a natureza não estabeleceu divisas entre as propriedades, nem limites à criatividade do homem, mas impõe necessariamente um novo modelo de utilização do solo agrícola.

Em se tratando de teorias, duas correntes conflitantes se formaram em relação aos murundus: uma contra a prática, constituída pela maioria dos técnicos da pesquisa oficial e adeptos do plantio direto; outra que se coloca a favor, composta principalmente por técnicos da extensão rural, prefeituras, empresas privadas e agricultores. O fato de as prefeituras se incorporarem ao processo advém principalmente da redução de custos na manutenção de estradas onde o murundu está presente como prática conservacionista.

De um modo geral, pode-se dizer que foi através do murundu que a microbacia se consolidou como unidade de planejamento em relação à utilização dos recursos naturais, especificamente dos trabalhos de extensão rural em microbacias, reconhecidos hoje em todo Brasil. Nota-se, entretanto, que a extensão rural em microbacias adiciona constantemente inovações metodológicas nas experiências que se sucedem nas diversas regiões do país. As modificações que gradativamente vão sendo incorporadas representam evoluções em seu eixo filosófico, ou por vezes simples adições de conteúdos práticos exigidos pelas realidades trabalhadas.

Deve-se ressaltar contudo que o murundu por si só não controlou eficientemente a erosão. Entre cada terraço reforçado de absorção se fez necessária a execução de outras práticas, como a descompactação do solo, principal causador das enxurradas, rotação de culturas, preparo e plantio em nível, etc. e, em muitos casos, a construção de terraços entre os murundus.

Sem dúvida, os melhores resultados no controle da erosão se conseguem através de práticas integradas, denominação dada à soma de várias práticas conservacionistas aplicadas integradamente, em um dado momento. Desta forma, o avanço que o murundu representa não está na sua característica como prática conservacionista, mas na sua proposta inovadora enquanto integrativa.

Alvaro Afonso Simon, eng. agr., M.Sc., Cart. Prof. nº 39.471-P, CREA-RS, EPAGRI, C.P. 502, Fone (048) 234-0066, Fax (048) 234-1024, 88034-901 Florianópolis, SC.



Figura 1 - Foto de murundu no Norte do Paraná